

A produção do conhecimento em educação: Desafio da obsolescência na sociedade da informação¹

Lucas Gabriel Franco²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

RESUMO: O contexto que se impõe é a sociedade da informação, que favoreceu a convivência em redes, potencializada com o advento da internet. Esse estudo teórico é fundamentado nas teorias de Lévi e Castells, buscando compreender a partir dos conceitos de cibercultura e sociedade em rede, como se configura a exigência de um novo perfil de professor para o século XXI. O professor interfere ativamente na sociedade através da produção de conhecimento, que sofre com a obsolescência. A meia vida do conhecimento está diminuindo rapidamente. O ciberespaço oferece uma nova forma de pensar, de agir e de se comunicar (cibercultura), que pode mudar o paradigma da obsolescência e deve ser pensado a partir de formas coletivas de aprendizagem e inteligência. Desde já, é possível destacar alternativas na contramão da obsolescência, como: a modalidade de Educação a Distância (EAD), a atuação dos profissionais de educação, o novo papel do professor e a colaboração da família.

Palavras-chave: Conhecimento; Ciberespaço; Obsolescência; Professor; Sociedade.

Introdução

O início do século XXI revela um período de grandes mudanças no mundo e, principalmente, um momento de muitos desafios em todos os campos. Constata-se um processo de expansão da globalização da economia e da informação, intensificado com a Revolução Digital, que teve início no século XX, mas só ganhou força no século XXI. No presente trabalho pretende-se focalizar a exigência de um novo perfil de educador, entendido como o professor que interfere ativamente na sociedade através da produção de conhecimento. Ela acontece cotidianamente com sua prática

1

Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM,SP.

2

Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Seropédica. E-mail: lucas.gabriel.franco@hotmail.com.

de vida e em momentos específicos através de estudos relacionados ao fenômeno educativo.

Nesse novo cenário, o conceito de conhecimento, sua transmissão e sua importância estão se resignificando a partir de uma disponibilidade nunca vista de informações. Surge o fenômeno da obsolescência do conhecimento, que se deprecia rapidamente. No campo da pesquisa, o conhecimento se comporta como os produtos que deixam de ser úteis, devido ao surgimento de um produto tecnologicamente mais avançado, mais atualizado e que responde às demandas atuais. Essas questões atingem diretamente a formação dos professores e se mostram como temas preocupantes, pois o objeto do trabalho docente é o conhecimento sistematizado.

De acordo com Silva e Cunha:

A chegada do século XXI vem marcada com algumas características: o mundo globalizado e a emergência de uma nova sociedade que se convencionou chamar de sociedade do conhecimento. Tal cenário traz inúmeras transformações em todos os setores da vida humana. O progresso tecnológico é evidente, e a importância dada à informação é incontestável. [...] Agora é possível processar, armazenar, recuperar e comunicar informação em qualquer formato, sem interferência de fatores como distância, tempo ou volume. [...]. (SILVA e CUNHA, 2002, p.77).

A origem do conhecimento é tão antiga quanto o homem, que sempre buscou formas de se relacionar com o mundo e de agir nele. Conforme PENTEADO (1998), o aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação e informação tem gerado significativas mudanças na sociedade, facilitando a vida das pessoas e possibilitando novas formas de aquisição de conhecimento e, principalmente, potencializando ainda mais a capacidade comunicacional inerente ao ser humano.

De acordo com a professora emérita da UNESP Marília Freitas Tozoni-Reis:

[...] Buscamos conhecer, significar e compreender todas as situações vividas: desde uma simples ação cotidiana, como tomar um banho ou cozinhar uma refeição, até as mais sofisticadas, realizadas por complicadas operações e procedimentos científicos, para desvendar os mistérios do funcionamento da vida em suas mais diversas dimensões [...]. Agir sobre o mundo para transformá-lo exige a sua compreensão, interpretação. Então, a busca do conhecimento, de compreensão e significação para o mundo e as coisas é uma atitude essencialmente humana. (TOZONI-REIS, 2010, p.3)

Assim, o homem está em constante processo de construção do conhecimento, produzindo meios de interpretar a realidade. Entendendo o processo de elaboração do conhecimento como uma ação coletiva conforme afirmado por TOZONI-REIS (2010), é possível perceber que o saber foi produzido durante toda a história da humanidade pelo conjunto de sujeitos sociais. Desse modo, são características do conhecimento ser histórico e social.

A produção científica se encarrega de, em todas as áreas, construir saberes significativos para contribuir na relação humana com a realidade. Na educação ela representa uma busca constante em responder às demandas sociais por um ensino crítico e transformador, vendo a escola como mais uma aliada no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. O professor como importante ator dessa instituição, precisa estar em consonância com as necessidades do seu contexto histórico- social. Ele precisa desenvolver competências para ampliar sua atuação profissional e estar apto a utilizar as tecnologias em seu favor, diante de um público cada vez mais diverso, móvel e distribuído em diferentes ambientes físicos e virtuais.

O trabalho docente atualmente está mais relacionado com a figura do animador e mediador de conhecimentos, do que com a figura tradicional do professor que detém o conhecimento e o aluno como sujeito passivo no processo de ensino-aprendizagem. A concepção de educação adotada nesse artigo é aquela transformadora da sociedade, que pretende instrumentalizar os sujeitos para se apropriarem de conhecimentos, valores e comportamentos de forma crítico-reflexiva e para que transformem positivamente a realidade.

O trabalho científico no campo da educação tem como finalidade “responder às necessidades dos processos educativos. Toda metodologia somente tem sentido se trouxer oportunidades de ação-reflexão-ação [...] na construção de uma educação crítica e comprometida com a transformação da sociedade”. (TOZONI-REIS, 2010, p.17)

O contexto que se impõe atualmente é a sociedade da informação (característica da sociedade pós-moderna), que influencia na configuração de todos os campos sociais e na vida dos indivíduos. Nessa sociedade globalizada, o conhecimento produzido a partir de variadas informações em tempo real, se expandiu

e explodiu; antes armazenado nas bibliotecas, enciclopédias e livros, está por toda parte.

O avanço científico e tecnológico favoreceu a expansão do conhecimento e impôs novas formas de aprender, investigar, pesquisar e produzir, que mudam rapidamente. Segundo TARAPANOFF (2006), a sociedade da informação vai muito além do mundo virtual e está reorganizando a economia global. Nela, a produção, o processamento e a distribuição de informação são as atividades econômica e social primárias. Além disso, essa nova estruturação social favoreceu o relacionamento e a convivência em redes, potencializados com o advento da internet. Nesse sentido, a exigência atual é estar conectado, estar online, quem não participa dessa rede de relacionamento e compartilhamento de informações fica para trás.

De acordo com Lévi:

Inaugurou-se uma nova forma de relação com o saber, as competências e conhecimentos adquiridos por uma pessoa tendem a estarem obsoletos depois de um período curto de tempo [...]. Existem novas formas de acesso à informação, novos estilos de raciocínio e conhecimento, novas tecnologias intelectuais e de compartilhamento de informações. (LÉVI, 1999, p.157)

Na sociedade em rede, CASTELLS (2005) coloca que existe uma nova estrutura social caracterizada por uma sociabilidade baseada em uma dimensão virtual possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcendem o tempo e o espaço; o ser humano está se redefinindo.

Produção de conhecimento crítico em educação

Inicialmente é preciso fazer uma distinção básica entre informação, conhecimento e dados. Informação corresponde aos dados sobre fatos ou circunstâncias da existência que requerem uma ação de comunicá-la. As informações facilitam no processo de cognição, mas por si só não representam conhecimento. O conhecimento não é simples apropriação de informações, no sentido de memorizá-las ou guardá-las. Deve ser entendido como uma atividade intelectual, um processo mental no qual se indaga, questiona e estabelece relações entre as diversas

informações obtidas. Nesse sentido, resultando em uma “aprendizagem significativa”. O conhecimento é algo que vai além da informação, ele é construído a partir de uma informação recebida. Dados é um conjunto de informações podendo ser organizadas ou não, cada ciência trata dados de acordo com suas características distintas.

Em uma perspectiva de educação transformadora, a produção do conhecimento representa uma forma crítico-reflexivo de interpretar a realidade e de nela intervir, buscando respostas elaboradas para as questões. A construção do saber educativo preocupa-se em atingir toda a comunidade escolar e acadêmica, fornecendo parâmetros e subsídios teórico-metodológicos para o trabalho cotidiano dos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A seguir, serão apresentadas características do processo de construção do saber universalmente aceitas atualmente, que servem de base para a discussão da obsolescência do conhecimento e o papel da educação crítica diante desse fenômeno. É como se a avalanche da obsolescência se apropriasse de importantes compreensões do processo de produção do conhecimento transformando-as ideologicamente em limites.

São elas: a provisoriedade dos saberes científicos, a interferência do imaginário na produção do conhecimento pela via da cosmovisão e da ideologia e a impossibilidade de neutralidade axiológica.

De acordo com a professora Vera Rudge Werneck, a provisoriedade se refere à ideia de que:

Não mais se aceita o conhecimento como um processo cumulativo. Há, na ciência, uma revisão constante decorrente da possibilidade de novos pontos de vista. O mesmo objeto pode ser analisado de diferentes ângulos, o que leva não a um relativismo, mas à constatação da relatividade do conhecimento. (WERNECK, 2006, p.179)

Sobre a interferência do imaginário pela via da cosmovisão e da ideologia, afirma Werneck:

Admitindo-se como cosmovisão a visão de mundo do sujeito cognoscente pela sua posição histórico-geográfica, cultural e econômica e a ideologia como orientação originária do imaginário que determina os papéis e as

funções sociais, percebe-se a interferência desses dois fatores na produção do conhecimento. (WERNECK, 2006, p.179)

Em relação à impossibilidade de neutralidade axiológica, “não sendo possível a neutralidade e a imparcialidade na constituição dos saberes, há sempre uma interferência dos valores aceitos pelo sujeito [...]” (WERNECK, 2006, p.179).

Com a explosão de conhecimentos criados constantemente, a meia vida do conhecimento está diminuindo, principalmente em áreas dinâmicas como as de alta tecnologia. A meia vida corresponde ao tempo para que a metade do conhecimento se torne obsoleto devido ao avanço de novas pesquisas e inovações. A obsolescência parte da ideia da provisoriedade dos saberes científicos e do relativismo, para justificar a diminuição da meia vida.

Em outras palavras, o fato de um conhecimento ser provisório e com o tempo ser reformulado, criticado e atualizado é um processo natural, entretanto, quando um saber só é valorizado em função do seu valor econômico, por exemplo, em uma pesquisa científica, ele é deixado de lado sem nenhum outro critério que não seja o do capital. Nem toda pesquisa ou trabalho que não rende muito, perdeu sua utilidade.

Na sociedade da informação, a posição histórico-geográfica, cultural e econômica do sujeito ganha um novo sentido, pois com o movimento da globalização, as noções de tempo e espaço são cada vez mais relativizadas. Em uma cidade pequena da Idade Média, quando existiam poucos especialistas em uma área da saúde, as pessoas deviam se deslocar até eles para serem atendidas, se precisassem de um livro, deveriam ir até a biblioteca, diferentemente da sociedade contemporânea.

A ideologia está ligada ao conjunto de convicções do indivíduo representadas por uma corrente dominante. Entende-se que na sociedade da informação a ideologia dominante é a capitalista, caracterizada principalmente pela expansão global dos mercados e sustentada pela economia da informação, que pode ser entendida “como mobilização das competências empresariais, acadêmicas e tecnológicas com o objetivo de melhorar o nível de vida das populações”. (SQUIRRA, 2005, p.262) Agora os países “além da renda per capita e do desenvolvimento humano, são classificados de acordo com sua capacidade de gerar conhecimento e transformá-los

em riqueza”. (SQUIRRA, 2005, p.262) O problema é para onde e para quem vai realmente essa riqueza.

Segundo Peter McLaren:

[...] Embora haja muita conversa, sugerindo que as novas tecnologias da comunicação ajudam a criar novos empregos e facilitam a ampliação e o aprofundamento da democracia, o fato é que esses sistemas eletrônicos de informação simplesmente “ampliam e alargam o âmbito e a velocidade dos movimentos especulativos do capital financeiro ao redor do globo; eles não existem como forças autônomas na definição de uma nova sociedade da informação”. (MCLAREN, 2000, p.89)

Dessa forma, o conhecimento é assumido como fator de produção e domínio, representando o denominador determinante do desenvolvimento econômico e social, como destacado por SQUIRRA (2005). Contudo, sofre com as contradições da sociedade capitalista de expansão da riqueza e da pobreza.

No domínio dessa ideologia não é possível neutralidade axiológica, as ações e decisões do sujeito estão diretamente ligadas à concepção que subjaz seu pensamento. A construção do saber estará sempre a serviço da corrente de pensamento que o fomenta.

Esse cenário caracteriza o vasto campo de atuação da educação crítica como movimento de resistência ao capitalismo informacional, tecnologicamente mais potente. A educação crítica vê-se diante de um desafio onde “[...] o conhecimento deixa de ser um campo sujeito à interpretação e à controvérsia, para ser simplesmente um campo de transmissão de habilidades e técnicas que sejam relevantes para o funcionamento do capital”. (SILVA, 2000, p.8)

Diante disso, a produção do conhecimento em educação precisa manter-se atualizada, no sentido de ir além das questões temporais e históricas, utilizando das tecnologias existentes sem abandonar seus princípios. Além disso, deve priorizar os conhecimentos consagrados e fundamentais dos grandes autores, adaptando suas teorias aos novos métodos desenvolvidos pela tecnologia da informação, realizar leituras sobre a intencionalidade das novas pesquisas e optar por propostas de democratização do conhecimento.

Como o conhecimento se torna obsoleto?

A obsolescência do conhecimento é um fenômeno complexo que ganhou força com o advento da sociedade da informação e do uso que foi dado às tecnologias da informação e comunicação. O avanço tecnológico-midiático trouxe diversas vantagens para a humanidade e ainda vem proporcionando ganhos consideráveis em todas as áreas, como nos exemplos da saúde, da astronomia, entre outros. Contudo, ele tende lentamente a maquinizar e a virtualizar o homem e todas as suas peculiaridades.

A obsolescência do conhecimento ou fenômeno caracterizado pela diminuição da sua meia vida traz muitas consequências, como: abandono de obras significativas e conhecimentos acumulados, problemas com plágio e a sensação de insuficiência na formação de professores, que está relacionada à ansiedade da informação (o excesso de conhecimento provoca angústia e ansiedade nas pessoas, que pensam estar ficando para trás).

A ideia do conhecimento obsoleto revela uma relação paradoxal em seu próprio interior, ao mesmo tempo em que um saber perde sua utilidade, futuramente ele poderá ser retomado. Mesmo com todo o progresso do saber tecnológico e científico, o homem se depara com novas situações que não tem resposta. O fenômeno da obsolescência remete ao desconhecido, no sentido de que, os filósofos antigos já se perguntavam sobre como investigar a realidade, como conhecer e como o desconhecido permanece como uma dimensão que foge ao domínio e à capacidade humana. A produção do conhecimento pode avançar exponencialmente, mas é impossível conhecer e gerar conhecimento sobre tudo.

O filósofo Nicolau de Cusa [1401 - 1464] se perguntou sobre como se dá o conhecimento e em uma aproximação limitada de sua vasta filosofia, constata-se que “[...] o infinito escapa a qualquer tentativa de ser colocado em proporção”. (NICOLA, 2005, p.162) Muitos filósofos, “refletindo sobre a quantidade de noções que escapam ao conhecimento humano, reconheceram na ignorância o único conhecimento verdadeiro”. (NICOLA, 2005, p.162)

Na sociedade em rede, conectada a todo tempo, a rotina das pessoas mudou e várias noções estão se redefinindo. Compreender as peculiaridades do ciberespaço e

das novas relações que surgem a partir dele através da cibercultura, ilumina a discussão sobre a obsolescência do conhecimento. No ciberespaço há uma nova relação com o saber, que se expande e é compartilhado rapidamente. A partir das contribuições de Pierre Lévy e Manuel Castells, é possível compreender o lugar do conhecimento na sociedade da informação.

O ciberespaço ou rede é “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. (LÉVI, 1999, p.92) Com ele, o conhecimento ganhou uma nova forma de ser compartilhado e novos mecanismos de produção e pesquisa. Ele é o espaço marcado pela migração do mundo real para um mundo de interconexões virtuais com códigos e culturas próprias. O ciberespaço alterou profundamente a maneira do homem de pensar, de ver o mundo, de se relacionar e organizar a sociedade.

No entanto, a sociedade conectada em rede, sofre com a instabilidade de um ambiente que mesmo proporcionando a segurança da comunicação em tempo real com outro local do mundo, pode desaparecer a qualquer momento. Essa nova forma de sociabilidade fundamenta-se na coexistência de binômios (Global x Local, Virtual x Físico, Público x Privado, Tecnologia x Humanização), que a todo o momento se conectam e desconectam.

Segundo Castells:

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós das redes. (CASTELLS, 2005, p.19)

De acordo com LÉVY (1999), ao analisar a nova relação com o saber no ciberespaço, é possível fazer três constatações:

[...] A primeira diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e savoir-faire. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimento não para de crescer. Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Terceira

constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória [...], imaginação [...], percepção [...], raciocínios [...]. (LÉVY, 1999, p.157)

Portanto, os conhecimentos produzidos, que aprendidos se tornam competências para os sujeitos, apresentam uma curva de permanência e atualidade pequena, não é mais possível planejar tudo o que deve ser aprendido com antecedência. O ciberespaço oferece uma nova forma de pensar, de agir e se comunicar (cibercultura) que pode mudar o paradigma da obsolescência, do conhecimento não mais útil, que deve ser pensado, sobretudo, a partir de formas coletivas de aprendizagem e inteligência.

Na contramão da obsolescência: Caminhos e propostas alternativas

Na moderna organização social do século XXI, o rápido desenvolvimento tecnológico e as demandas do mercado, que incluem a necessidade de formação e aperfeiçoamento de recursos humanos, de modo constante e com alta qualidade dentro de restrições de tempo, exigem mudanças na maneira de aprender-ensinar. Desde já, é possível adotar medidas na contramão da obsolescência. Enquanto alternativas podemos destacar a modalidade de Educação à distância (EAD), a atuação dos profissionais de educação, o novo papel do professor e de certo modo, a colaboração da família.

Amparada pelas modernas tecnologias, a Educação a Distância se tornou aliada na formação de pessoal, em diferentes cursos de qualificação e níveis de escolaridade. Tornou-se uma ótima opção quando se trata de cursos de aperfeiçoamento e formação continuada no magistério. Isso se deve, dentre outros aspectos, a facilidade de acesso ao ensino, mesmo que no interior de regiões afastadas. A EAD oportuniza o mesmo ensino de qualidade, nessa perspectiva, aumentando o número de cursistas, uma modalidade que vem crescendo a cada ano. Para Lévy:

A Educação a Distância explora certas técnicas de ensino a distância, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura. Mas o essencial se encontra em um

novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. (LÉVY, 1999, p.158)

A EAD é apontada como alternativa por Pierre Lévy, a partir do conceito de inteligência coletiva. Para tanto, ele legitima a Educação a Distância como uma modalidade ideal, visto que, tem imbuídas as vantagens da tecnologia da informação, tornando-se possível o acesso de um significativo número de pessoas, o que resulta em uma aprendizagem coletiva.

Partindo das premissas que a escola é um local de transmissão da memória social, essa incorporada nas mais variadas ações do ser humano, bem como em tudo que foi produzido nas relações sociais e que, segundo Kenski, é na escola que “trabalha-se com o conhecimento valorizado pelo grupo social, operacionalmente segmentado em áreas, cursos, disciplinas e séries”, (KENSKI, 2001, p.97), pode-se inferir a insurgência de um novo papel do professor. Nessa sociedade digital, na qual conhecimentos e práticas educativas não são mais apenas atribuições específicas das instituições tradicionais de ensino, é exigida do professor, a atribuição de agente da memória.

No ritmo acelerado da vida, observarmos certa obsolescência atingir os conhecimentos valorizados pelo grupo social, visto que, os estudantes são bombardeados por informações que lhes chegam através dos diferentes meios pelos quais têm acesso. Isso faz com que sintam uma constante necessidade de informações rápidas e novas, ainda que na maioria das vezes seus conteúdos sejam pouco úteis ou mesmo duvidosos.

Dessa maneira, está ocorrendo na aprendizagem contemporânea, o fenômeno que alguns já denominam por analogia, “informações *fast-food*” onde se prioriza mais a quantidade e a velocidade, do que a qualidade em si, gerando uma viciação mental, não permitindo que o educando prenda a sua atenção em um determinado assunto por um tempo significativo. Muitos estudantes até possuem conhecimento em variados assuntos, entretanto, de forma sucinta, apenas por já terem ouvido falar, ou lido alguma coisa, é apenas um conhecimento superficial.

Na contramão da obsolescência, KENSKI (2001) destaca o papel dos professores, como de recuperar a origem e a memória do saber, de estabelecer certa ordem e direcionamento para as práticas, os conhecimentos, as vivências e posicionamentos apreendidos nos mais variados ambientes e equipamentos. Ela afirma que:

O professor, como agente da memória - em um mundo que pensa para frente, sempre em busca do mais novo, o mais veloz, o mais avançado - funciona também como a pessoa que eleva as novas gerações a recuperar o passado, a discutir suas origens, histórias, sua memória social, a identificar avanços e recuos nas ciências, nos saberes e no processo civilizatório, a aprender com o passado e a respeitá-lo como construção socialmente tão importante quanto o momento presente e as projeções de futuro. O professor, como agente de memória educativa, leva os alunos a descobrir o sentido das coisas consideradas pontualmente importantes no presente e suas variações em outras épocas, e estabelecer relações entre tudo o que veio e o que virá (em termos de construções científicas e sociais), a identificar processos e descobertas que colocam esses saberes e práticas em permanente discussão e ajuda e seus alunos, a conhecer suas origens, identidades e memória social [...]. (KENSKI, 2001, p.99)

Contudo, Kenski situa que na realidade educacional contemporânea, torna-se impossível a ação isolada do professor. E propõe que “em equipes ou comunidades virtuais, professores, técnicos e estudantes partilham cooperativamente seus conhecimentos e experiências para a construção e o desenvolvimento de programas [...] assim são construtores do ensino” (KENSKI, 2001, p.99). Assim, temos a circulação desse conhecimento valorizado pelo grupo social, evitando seu desuso mediante a pressão do oceano de informações, que configuram o conhecimento superficial.

Portanto, ao estudar a sociedade digital, Kenski afirma que o “papel dos professores se amplia, ao invés de extinguir” (KENSKI, 2001, p.105), como previam pragmáticos em alguns estudos. Na atribuição de “criar elo e relações entre as memórias de todos os tempos [...]” (KENSKI, 2001, p.106), o professor proporciona aos sujeitos o diálogo dos conhecimentos valorizados pelos diferentes grupos nas dimensões humana, social e tecnológica, com aqueles que são produzidos na contemporaneidade. Cabe ainda destacar que, para KENSKI (2001), diante dos saberes científicos, o professor enquanto agente de valores na sociedade digital,

perpetua os “bons hábitos e costumes”, adormecidos no interior do ser humano no cenário competitivo das cidades do século XXI. Por conseguinte, evitando que se tornem obsoletos.

Por fim, e não menos importante citamos a família, analisada por ARANHA (1996) como uma nova realidade. Trata-se de algo que está sendo reconstruído à revelia da que aí existe. Tarefa difícil, que exige cuidado e empenho, a fim de evitar o saudosismo da “antiga família”. Conforme a antropóloga Livia Fialho da Costa, na contemporaneidade a família “está escrita no plural, pelas diversas configurações que tem assumido e pelos fatores que nela estão presentes (classe social, questões étnicas, religiosas, opções políticas)” (COSTA, 2009, p.368) E de acordo com a autora, desempenha mais do que um papel de socialização dos indivíduos.

Segundo COSTA (2009), quando destacado o tema posição profissional, a escola é a instituição central do processo “e a família, uma das referências principais para a realização da identidade pessoal dos sujeitos” (COSTA, 2009, p.366). Na verdade, o encontro entre essas duas instituições, segundo Costa:

[...] Tenciona-se no fato de que o funcionamento das sociedades modernas ocidentais exige que o indivíduo tenha mérito e isso depende do trabalho educativo instaurado na escola, mas, antes, garantido pelas famílias. (COSTA, 2009, p.368).

Um dos grandes méritos do trabalho de COSTA (2009) é quando menciona que a tarefa de transmitir valores, normas, saberes e (in) formar experiências, está, inevitavelmente, ligada a duas instituições sociais: a família e a escola. Podemos compreender que:

[...] Tanto escola como família fazem uso de concepções e representações sobre cada uma delas, e operam, muitas vezes, a partir de conceitos-chave elaborados a partir de modelos-ideais construídos socialmente. (COSTA, 2009, p.368)

Baseado em COSTA (2009), verificamos que a família ao oferecer um processo amplo de socialização, visando à preparação do sujeito para a vida, reproduzindo para ele conhecimentos assumidos como úteis, inseridos em redes

sociais adequadas e orientando-o na sociedade da informação, possibilita a permanência e atualização dos conhecimentos. Assim, caminhando em direção oposta da obsolescência.

Conclusão

Conforme Kenski, as tecnologias digitais permitem aos professores trabalhar na fronteira do conhecimento que pretendem ensinar. Dessa forma, os conhecimentos produzidos ao serem assimilados pelos sujeitos, apresentam maior permanência e significado na realidade. Mais ainda, possibilitam que eles e seus educandos possam ir além e inovar, gerar informações novas não apenas no conteúdo, mas também na forma como são viabilizadas nos espaços das redes.

O caminho para a construção de uma nova perspectiva que ressignifique a produção do conhecimento na sociedade da informação, pode estar nas próprias vantagens das tecnologias disponíveis atualmente. Entretanto, depende de como esse caminho será trilhado, senão até mesmo ele poderá ser considerado obsoleto com o tempo.

Referências

- ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação** - 2ª edição. São Paulo: Moderna, 1996.
- CASTELLS, M.. **A sociedade em rede** - 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M.. A sociedade em rede: Do conhecimento à ação política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A sociedade em rede: Do conhecimento à ação política**. Belém - PA: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador - BA: EDUFBA, 2009.
- FREITAS, Hélia Maria Soares de. **Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

- FREITAS, Hélia Maria Soares de; BORBA, Siomara. **Filosofia e Educação** - 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- KENSKI, Vani Maria. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensinar a Ensinar**: Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Pioneira, 2001.
- LAKATUS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MCLAREN, Peter. Traumas do capital: Pedagogia, política e práxis no mercado global. In: Luiz Heron da Silva (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.
- MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina. **Projetos de pesquisa**: elaboração, redação e apresentação. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia**: Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. Pedagogia da comunicação: sujeitos comunicantes. In: PENTEADO, H. D. (Org.) **Pedagogia da comunicação**: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.
- SILVA, T. T.. A escola cidadã no contexto da globalização: uma introdução. In: Luiz Heron da Silva (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- SILVA, Edna Lúcia da.; CUNHA, M. V.. **A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas**. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n.3, 2002.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. Sociedade do conhecimento. In: MARQUES DE MELO, José; SATHLER, Luciano (Orgs.). **Direitos à comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo - SP: UNESP, 2005.
- TARAPANOFF, K. M. A.. Informação, Conhecimento e Inteligência em Corporações: relações e complementaridade. In: TARAPANOFF, K. M. A. (Org.). **Inteligência, Informação e Conhecimento em Corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A pesquisa e a produção de conhecimentos. In: PINHO, S. Z. (Org.) **Cadernos de Formação**: Formação de Professores - Educação, Cultura e Desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. In: **Ensaio: aval. pol. pub. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.51, abr./jun. 2006.